

MASCULINO, FEMININO, SADISMO, MASOQUISMO¹

Almerindo A. Boff²

RESUMO

A partir do legado freudiano, a inscrição do feminino na teoria psicanalítica se fez nas categorias da falta, da irrepresentabilidade, da castração, da passividade, do masoquismo ou das dores da maternidade. Estas categorias remetem, no campo da cultura ocidental, às idéias pejorativas de ausência, humilhação e submissão masoquista. É posta em questão a relação possível entre psicanálise e feminismo. Discute-se a idéia de uma “revolução simbólica” na teoria psicanalítica, em sintonia com a terceira onda do feminismo, que procura valorizar formas de inscrição do feminino não restritas às formas tradicionais de fazê-lo a partir de representações do negativo. Esta proposta teórica é ilustrada com algumas idéias de Bion, Winnicott e Annie Anzieu.

Palavras-chave: feminino; feminismo; masculino; masoquismo.

Uma figura clássica do folclore brasileiro é a mulher que observa que o marido não mais a ama porque há mais de uma semana não a espanca. Nesta figura, o homem bate e a mulher apanha: o gozo dele é bater, o dela é apanhar.

Este é um estereótipo tradicional do relacionamento entre homens e mulheres: os homens são ativos, batem; as mulheres são passivas, apanham. Infelizmente, não se trata, na realidade brasileira, apenas do imaginário nacional: as delegacias da mulher não dão conta de atender à demanda de proteção das mulheres em relação aos seus homens violentos. Conforme a ONU, a violência doméstica é a principal causa de lesões em mulheres entre 15 e 34 anos de idade, gerando, no Brasil, um custo financeiro anual estimado em 10,5 % do PIB. Dois terços dos crimes violentos contra a mulher brasileira são cometidos por um “parceiro amoroso”, como vemos nem sempre tão amoroso assim! (Correio do Povo, 2005)

Bárbara Conte constata que, apesar das grandes mudanças na situação da mulher na sociedade ocidental, seguimos presenciando, hoje em dia, formas violentas e masoquistas de inscrição da sexualidade na mulher. (Conte, 2005: 97) Ela observa: *“Presenciamos hoje, depois de todo este percurso de um século para desvincular a pulsão sexual da perversão, e a mulher da condição masoquista, passiva, uma outra forma de sufocamento ou de recolhimento da sexualidade: são as formas de satisfação que têm como objeto o próprio corpo, submetido a formas masoquistas de se machucar que a própria pessoa se inflige, na anorexia ou no uso de ‘piercings’ na vagina ou na língua, lugares sabidamente erógenos e que passam a associar o prazer à dor. Aliás, é importante marcar que o masoquismo, de forma diferente do sadismo, não necessita que uma pessoa cumpra a condição de proporcionar dor, já que ela mesma se encarrega de se machucar e gozar”*. (Id.: 101)

¹ Trabalho apresentado na XI Jornada Externa do Núcleo de Estudos Sigmund Freud em agosto de 2005.

² Psiquiatra e Psicanalista. Mestre em Psicologia (UFRGS). Membro Efetivo e Docente do Núcleo de Estudos Sigmund Freud.

Sigmund Freud scandalizou sua época com muitas das suas idéias. Uma delas foi a da bissexualidade de todo ser humano, a espalhar angústias homossexuais entre homens e mulheres. Sua teoria sexual falocêntrica e sua afirmação de que a libido, por ser ativa, é sempre masculina, para citar apenas dois exemplos, logo levaram muitas mulheres a inclui-lo no rol dos sexistas machistas. A partir destas idéias, a maioria das pensadoras feministas viu na psicanálise uma aliada incondicional do patriarcalismo e do capitalismo tradicional a serem combatidos implacavelmente em defesa da causa das mulheres.

Passado um século da publicação dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905), e na vigência da intenção de falar hoje sobre masculino, feminino, sadismo e masoquismo, não devemos, portanto, evitar uma reflexão inicial sobre as colocações teóricas de Freud sobre o assunto. Assim, proponho que comecemos esta reflexão de hoje por uma retomada destas idéias iniciais da psicanálise sobre o assunto.

Nesta obra seminal, recém referida, Freud dedica uma seção à questão da diferenciação entre homens e mulheres. (Freud, 1905: 225-8) Desta seção, vou extrair algumas passagens para articular as idéias que quero aqui sustentar.

Logo no início, ele observa que as meninas apresentam, em maior intensidade e mais precocemente que os menininhos, inibições e repressões da sexualidade (*Sexualverdrängung*). Nelas, quando as pulsões parciais aparecem, preferem a forma passiva. Logo em seguida, Freud apresenta uma frase fadada a indignar feministas. Diz ele: *“No que diz respeito às manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade, poderíamos estabelecer que a sexualidade das mocinhas é de caráter inteiramente masculino. Na verdade, se pudéssemos dar uma conotação mais definida aos conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’, seria até mesmo possível sustentar que a libido é invariável e necessariamente de natureza masculina, ocorra ela em homens ou mulheres e independente de ser seu objeto um homem ou uma mulher.”* (Op. cit.: 225-6)

Das páginas seguintes desta seção, seleciono outras passagens nesta mesma linha de afirmações: *“A zona erógena principal nas meninas está localizada no clitóris (...) A puberdade, que provoca uma elevação tão grande da libido nos rapazes, é marcada nas moças por uma nova onda de repressão (Verdrängungswelle), em que é afetada precisamente a sexualidade clitoridiana. O que é assim suplantado pela repressão é uma parte da sexualidade masculina. A intensificação do freio sobre a sexualidade provocada pela repressão puberal nas mulheres serve de estímulo para a libido nos homens e causa um aumento de sua atividade. Juntamente com esta elevação da libido há também um aumento de supervalorização sexual que só emerge com toda força com relação a uma mulher que se contém e que nega sua sexualidade.”* (Id.: 227)

Nestas observações sobre o comportamento sexual feminino e masculino, que têm exatos cem anos de idade, vemos alinhadas com toda clareza, por um lado, as idéias de feminilidade e passividade, e, por outro lado, as idéias de masculinidade e atividade. Este alinhamento, embora considerado insatisfatório por Freud, é mantido até seu último pronunciamento sobre o assunto, no capítulo VII do Esboço de Psicanálise, onde ele diz: *“Para distinguir entre masculino e feminino, na vida mental, usamos o que é, sem dúvida alguma, uma equação empírica, convencional e inadequada: chamamos de*

masculino tudo o que é forte e ativo, e de feminino tudo o que é fraco e passivo". (Freud, 1938: 216)

Quatorze anos depois da publicação dos *"Três ensaios..."*, em 1919, Freud publica o trabalho *"Uma criança é espancada' - uma contribuição ao estudo das perversões sexuais"*. (Freud, 1919) Referindo-se à análise desta fantasia infantil em mulheres, ele observa que o conteúdo desta fantasia inconsciente é: 'Estou sendo espancada pelo meu pai.' Segundo suas observações, trata-se de uma fantasia acompanhada por um alto grau de prazer, tendo um caráter inequivocamente masoquista, sendo associada, posteriormente, à satisfação sexual masturbatória. Esse 'ser espancada' é uma convergência do amor sexual pelo pai e do castigo pela relação genital proibida: *"Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação(...)"*. Neste artigo, Freud considera o masoquismo como secundário à volta do sadismo sobre a própria pessoa por meio de regressão do objeto ao ego. Ou seja, transformação no contrário e volta sobre a própria pessoa se combinariam neste movimento regressivo da libido. Acrescenta: *"Pode-se ter como certo que os instintos com propósito passivo existem, particularmente entre as mulheres"*.

Os trechos destacados acima salientam que o masoquismo passa a ser também agregado às características psicológicas da mulher, compondo uma representação tradicional do gênero onde feminino, passividade e masoquismo passam a ser percebidos como uma tríade psicológica inseparável. Esta representação da mulher é reforçada quando Freud retoma o assunto em *"O problema econômico do masoquismo"* em 1924 (Freud, 1924): *"O masoquismo apresenta-se à nossa observação sob três formas: como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento"*. A este masoquismo que é *"expressão da natureza feminina"* Freud denomina *"masoquismo feminino"*, observando-o em homens masoquistas em cujas fantasias se vêem colocados numa situação caracteristicamente feminina que significa *"ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê"*.

No ano anterior, Freud concluía o trabalho *"A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)"* (Freud, 1923) afirmando: *"No estádio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre ativo e passivo é a dominante. No estádio seguinte da organização genital infantil (...) existe 'masculinidade', mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir 'um órgão genital masculino' e ser 'castrado'. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamente, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com 'masculino' e 'feminino'. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade."*

Em 1931, na conferência intitulada *"Feminilidade"*, Freud (1931: 143-4) reafirma a vinculação entre feminilidade e masoquismo dizendo: *"A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino. Mas, como acontece tantas vezes, se os senhores encontram*

masoquismo em homens, que lhes resta senão dizer que tais homens mostram traços femininos muito evidentes”?

Freud encerra sua última incursão pelo assunto, no “Esboço de psicanálise” (Freud, 1938: 223), reafirmando a importância do repúdio à feminilidade na vida mental de ambos os sexos ao dizer: *“Se perguntarmos a um analista o que a sua experiência demonstrou serem as estruturas mentais menos acessíveis à influência em seus pacientes, a resposta será: numa mulher, o desejo de um pênis; num homem, a atitude feminina para com o seu próprio sexo, cuja pré-condição, naturalmente, seria a perda do pênis”*.

Estas citações de Freud visam sustentar a afirmação de que o discurso psicanalítico inicial pode ser tomado, como o foi, como sustentando o alinhamento entre feminilidade, passividade e masoquismo, fazendo coro ao tradicional discurso depreciativo sobre o feminino no Ocidente.

Este alinhamento não é estranho à teoria psicanalítica contemporânea, não podendo ser considerado algo descartado. Por exemplo, o alinhamento feminilidade-passividade aparece na seguinte frase, extraída de um artigo publicado recentemente: *“Internamente, a capacidade de contenção de nossas angústias só pode se instalar e se fortificar através da introjeção da contenção materna; o bebê precisa da mãe continente para que sua própria mente-continente se instale e se organize. Essa mãe-continente-feminina-passiva, que acolhe as angústias do bebê, e a mãe-masculina-ativa pronta a atuar junto à criança e oferecer a ela a interpretação-ação necessária naquele momento, é o protótipo da situação analítica. É também o modelo da construção do mundo interno onde o casamento harmonioso dos aspectos masculino e feminino precisa acontecer.”* (Haddad de Andrade, 2004) Um exemplo recente de alinhamento entre feminilidade e masoquismo pode ser tomado de Claude Le Guen, quando discute a questão da maior propensão das mulheres a aceitarem a passividade e a submissão frente ao sofrimento, o que designa como o *“masoquismo ordinário”* da mulher. A explicação para esta propensão ele encontra na primeira relação da menina com a mãe. É na identidade do corpo biológico da menina com o corpo da mãe que *“convém procurar as razões da menor ambivalência que ela demonstraria em relação ao menino, se comparada à que apresenta frente à menina (...). Tudo se passa como se o menino estivesse ‘protegido’ pela evidência da sua diferença, carregada por seu corpo e projetada sobre seu pênis; ele proporciona assim à mãe uma ‘satisfação’ narcísica (ele é o seu ‘falo glorioso’), que ela lhe devolve e que lhe permite então se pensar como filho preferido. A esta satisfação, sua filha contrapõe uma ‘identificação narcísica’, mistura de plenitude gratificante e de incerteza frustrante (para ambas, aliás), num jogo de espelhos; daí esta ambivalência mais marcada da mãe em relação à filha, que determina, ocasionalmente, uma paixão mais forte, de onde a ‘violência’ mais próxima na ambivalência, quer para amar ou para odiar. (...) O que, desde os tempos mais precoces, funda, então, a diferença entre os sexos é simplesmente a ambivalência materna, que, presa na identificação narcísica, só pode aparecer como mais marcada na direção da filha que na do filho (...).”* A resposta da menina à violência e ambivalência materna é o incremento de sua própria ambivalência em relação à mãe, o que a leva à necessidade de defender-se da sua própria violência, constituindo-se o masoquismo secundariamente como defesa. (Le Guen, 1997)

O que quero sustentar com estas citações é que as práticas discursivas da psicanálise, até aqui citadas, permitem sua leitura como um discurso sexista e machista. Os psicanalistas, desde Freud, julgam esta acusação infundada e resultante de um mal-entendido do público leigo mal-informado. O que leva a indagar a respeito de se há algum interesse da psicanálise em manter o lugar de um saber mal-entendido. É necessário saber que manter este lugar implica o ônus de um impedimento do diálogo com outros saberes. A maioria das pensadoras feministas viu na psicanálise uma aliada incondicional do patriarcalismo e do capitalismo tradicional a serem combatidos implacavelmente em defesa da causa das mulheres. Um livro publicado em dezembro de 2004 em Paris, em segunda edição ampliada, chamado “Dicionário crítico do feminismo”, não inclui, entre os 48 temas discutidos, qualquer destaque à contribuição psicanalítica ao assunto. (Hirata, H. *et al.*, 2004) Isto significa uma ou ambas de duas coisas, nenhuma das duas interessantes para a psicanálise: ou que ela não tem, de fato, nenhuma contribuição relevante a oferecer às lutas das mulheres; ou que sua contribuição, embora existente, está guardada por uma linguagem hermética, incapaz de ser compreendida por aquelas a quem se destina.

Como não pensamos que o pensamento psicanalítico não tem nada a oferecer à causa das mulheres, preferimos indagar se existe, dentro do pensamento psicanalítico contemporâneo, alguma contribuição relevante para o progresso da tentativa de franquear o acesso à compreensão psicanalítica ao público que advoga a causa feminista.

Antes de responder à indagação, é importante contextualizar o momento atual das lutas feministas. Costuma-se chamar de primeira onda do feminismo o movimento histórico de defesa dos direitos da mulher que pode ser identificado desde o final do século XVIII, na França, e que inclui dentre suas maiores conquistas a abertura do ensino superior às mulheres, o acesso a diversas profissões até então exclusivamente masculinas, como a Medicina, por exemplo, o direito das mulheres casadas à propriedade e o direito das mulheres divorciadas ou separadas à custódia dos filhos. A conquista do direito ao voto também deve ser creditada a esta primeira onda do movimento feminista. A chamada segunda onda do feminismo ganha força a partir da década de sessenta do século passado como o movimento de liberação feminina da dominação masculina em todos os campos da cultura. É a partir de então que o feminismo passa a ser sistematicamente teorizado no meio acadêmico, dando origem a diversos desenvolvimentos teóricos dentro do movimento. A partir da década de noventa seguinte, os objetivos e estratégias do feminismo passam a ser rediscutidos dentro do movimento chamado pós-feminismo, ou terceira onda do feminismo, que passa a reavaliar criticamente as lutas das mulheres, procurando atualizar suas propostas na contemporaneidade. (Gamble, 2000)

Pode-se dizer, de uma maneira um tanto simplificada, que a primeira onda do feminismo lutou pela igualdade de direitos entre homens e mulheres sob o ponto de vista constitucional e legislativo; que a segunda onda denunciou a dominação masculina em todos os campos sociais, apesar da pretensa igualdade garantida pelo marco legal; e que a terceira onda do feminismo, chamada também de pós-feminismo por algumas correntes, empenha-se na modificação na forma como a cultura representa, em suas próprias práticas discursivas, o feminino e o masculino, gerando representações do feminino que perpetuam a valorização do masculino em detrimento do feminino. Portanto, a recolocação da questão a partir desta ótica leva a indagar se a psicanálise

tem alguma contribuição a aportar à terceira onda do feminismo. Tentarei apresentar, a seguir, uma resposta afirmativa, para colocar em discussão aqui.

Ancorarei esta resposta em sua origem no seio da segunda onda do movimento feminista francês, mais precisamente no trabalho do grupo *psychanalise et politique*, cujas militantes marcham, no dia 8 de março de 1968, Dia Internacional da Mulher, pela cidade de Paris exibindo em cartazes um novo grito de guerra: “Abaixo o feminismo” (Phoca & Wright, 1999: 4)

Este grupo, mais tarde renomeado *politique et psychanalyse*, ou simplesmente *po et psy*, formado em 1968, se constituiu em oposição a seu rival ideológico, o grupo *féministes révolutionnaires*. Este último, durante a década de 70, veio a ser identificado com o feminismo americano, com o qual compartilhava pontos de vista e estratégias políticas de ação feminista, dentre eles o combate à psicanálise, cujas definições e práticas eram consideradas sexistas e alinhadas ao discurso do patriarcado.

As feministas do *po et psy* partem de uma leitura freudiana à luz das contribuições de Lacan e do desconstrucionismo de Derrida. Desta interseção entre as teorias psicanalítica e feminista, à luz da semiologia e das contribuições de Lacan e Derrida, partirão as contribuições teóricas das feministas desconstrutivistas francesas Luce Irigaray, Julia Kristeva e Hélène Cixous. Tomarei aqui, para ilustrar esta resposta, as proposições teóricas de Julia Kristeva.

Julia Kristeva, afinada com esse feminismo intelectual do *po et psy*, reconceitualizou a distinção lacaniana entre imaginário e simbólico nos seus próprios termos, opondo ao simbólico o semiótico. Para ela, o lugar da diferença sexual é o semiótico, que é o tempo da fusão mãe-bebê, um momento de erotismo corporal, melodias e ritmos maternos, todos precedendo o simbólico, a zona paterna. Ela sugere que o simbólico recalca o semiótico, os impulsos maternos; porém, estes irrompem na linguagem na forma de trocadilhos, lapsos de língua, falhas ou contradições de significado. A linguagem, para ela, é sexualmente diferenciada. O simbólico masculino celebra a linearidade e as conexões lógicas, enquanto o semiótico feminino contém os impulsos, os tons de voz, a musicalidade e os ritmos cinéticos da linguagem. O simbólico paterno opera sobre a lógica binária da exclusão mútua dos opostos, enquanto o semiótico materno aceita a contradição de que um e outro existam simultaneamente. Isso significa que a mudança das narrativas dominantes do capitalismo e do patriarcado dependerão não apenas de novas práticas políticas mas, também, de novas formas de linguagem que revalorizem o feminino. (Brooks, 1997: 81-4; Phoca & Wright, 1999: 60-7; Gamble, 2000: 258)

Esta proposta de Kristeva está alinhada com a proposta do grupo *po et psy*, que se propõe a inscrever de uma outra maneira o feminino na ordem simbólica. O texto escrito por mulheres ganha nova valorização. A expressão *écriture féminine* passa a referir o tipo de texto crítico feminista produzido pelo grupo. Estas “feministas da diferença” defendem a idéia de que, sob a superfície do discurso masculino, há uma área da produção textual que pode ser chamada “feminina”. (Gamble, 2000: 222) A escrita, na medida em que se permite entregar-se ao livre jogo do significante, torna-se aberta ao reconhecimento da *différance* não-falável da mulher. A *écriture féminine*, que surge na França em meados dos anos 70, associada ao movimento *po et psy* e à editora

éditions des femmes, é um tipo de escrita experimental motivada por esse desejo de “inscrever o feminino” de uma outra maneira. (Phoca & Wright, 1999: 50)

A partir desta proposta, muitas mulheres assumiram a tarefa de promover o que se pode chamar de uma “revolução simbólica” (Duroux, 2005: 113-43), configurando uma mudança cultural da representação do feminino. A fertilidade desta proposta da terceira onda do feminismo pode ser sentida também nos Estados Unidos, como, para citar alguns exemplos, o movimento das *Riot Grrl* no início dos anos 90. No nome do movimento, a palavra inglesa *girl* tem o “i” trocado por outro “r”, acrescentando à palavra o sentido do poder ameaçador do “g” seguido de erres dobrados. As bandas *Riot Grrl* e a cultura *grrl* construíram um cenário cultural alternativo onde mulheres tomaram instrumentos musicais e fizeram história numa subcultura onde muitos *zines* ou *fanzines*, selos de gravadoras e bandas eram controladas por mulheres. Na mesma linha, algumas feministas trocam a linguagem tradicional para designar uma mulher, utilizando em seu lugar as palavras *ze*, por *she*, *hir*, por *her*, ou *womyn*, por *women*. (Rowe-Finkebeiner, 2004: 85-105)

Kristeva considera que a primeira geração feminista defendeu a igualdade entre homens e mulheres no campo legal, o que levou à defesa do borramento das diferenças entre os gêneros. A segunda geração feminista, que surge a partir de 1968, passa a defender um feminismo da diferença, procurando enfatizar as diferenças entre homens e mulheres no que se refere a seu relacionamento com o poder, a linguagem e o significado. No entanto, o fato de conceber a mulher como alienada na estrutura simbólica de uma sociedade sexista controlada pelos homens fez com que as lutas feministas ficassem representadas como uma luta das mulheres contra os homens, identificados como a fonte da opressão feminina, levando a um sexismo reverso. Para Kristeva, a concepção monolítica da mulher na segunda geração feminista apagou a real individualidade e singularidade de cada mulher. A tarefa da terceira geração será buscar a combinação do sexual com o simbólico a fim de descobrir, primeiramente, a especificidade do feminino e, então, a especificidade de cada mulher. (McAfee, 2004: 91-103)

Dentro da teoria psicanalítica, é possível observar alguns movimentos teóricos que podem ser considerados como também surfando a terceira onda do feminismo. Tomarei aqui como exemplo algumas idéias de Winnicott, Bion e Annie Anzieu.

Da obra de Winnicott, destacarei aqui o trabalho apresentado por ele à Sociedade Psicanalítica Britânica, em 2 de fevereiro de 1966, onde se dedicou a caracterizar os “*elementos masculinos e femininos puros*”, “*destilados*”, “*sem amálgama*”, presentes em homens e mulheres, meninos e meninas. No que se refere ao que ele chama de “*o elemento feminino puro*”, considera que este “*relaciona-se com o seio (ou com a mãe) no sentido de ‘o bebê tornar-se o seio (ou a mãe), no sentido de que o objeto é o sujeito’*. (...) No crescimento do bebê humano, à medida que o ego começa a organizar-se, isto que estou chamando de relacionamento objetal do elemento feminino puro estabelece o que é talvez a mais simples de todas as experiências, a experiência de ‘ser’. Aqui encontramos uma verdadeira continuidade de gerações, sendo ela o que é passado de uma geração para outra, por via do elemento feminino de homens e mulheres e dos bebês do sexo masculino e feminino. (...) O elemento masculino ‘faz’, enquanto que o elemento feminino (em homens e mulheres) ‘é’.” Esclarece ainda: “...quando o elemento menina no bebê ou paciente menino ou menina

encontra o seio, é o 'self' que foi encontrado. Ao se fazer a pergunta: - O que o bebê menina faz com o seio?, a resposta tem de ser que este elemento feminino 'é' o seio, partilha das qualidades de seio e mãe, e é desejável". (Winnicott, 1966: 140)

O que destaco nesta citação de Winnicott é que o feminino não é representado aqui como falta ou ausência, mas como a presença que, não estando inscrita na linguagem por ser anterior, não só a qualquer linguagem, mas ao próprio ser, ao mesmo tempo é a condição prévia que viabiliza o ser e sua posterior inscrição na ordem simbólica.

Entendo também como representação do feminino na teoria psicanalítica as conhecidas idéias de Bion a respeito da “capacidade negativa” e da noção de *reverie*. A expressão “capacidade negativa” foi usada pelo poeta Keats, ao referir-se à capacidade de Shakespeare de permanecer em incertezas, mistérios e dúvidas, sem qualquer busca irritada por fato e razão. (Bion, 1970; Zimerman, 1995; Symington, 1996) Bion tomou emprestada a expressão do poeta para descrever esta importante capacidade do analista, indispensável para a obtenção do estado de atenção flutuante, proposto por Freud, a partir do qual é possível ao analista exercer a capacidade de *reverie* descrita por ele. Essa capacidade negativa também é valorizada por Bion, ao prescrever que o analista entre na sessão sem memória, sem desejo e sem compreensão. O que quero enfatizar aqui é a alta valorização deste negativo, desta ausência, cuja presença constitui a matriz fértil a partir da qual é possível a operação de *reverie* e o conseqüente emergir dos significantes lingüísticos que permitirão o enlaçamento, à ordem simbólica, da experiência primária do ser, que se passa necessariamente fora desta ordem e anteriormente à sua vigência como organizador psíquico.

A terceira e última citação que quero fazer é de Annie Anzieu (1989). Ela afirma que o negativo é “*uma qualidade daquilo que existe antes da negação*”. *Ele é o ser possível antes da existência*”. (p. 57) (...) “*Essa capacidade para ser e para produzir o ser pode aparecer como uma pulsão inicial, uma 'procura pela vida', uma tendência para o ser incluída no elemento fêmea. Uma espécie de 'pulsão inerte', que vai se diversificar em feminino e masculino, mas que se encontra anteriormente na feminidade como base de uma existência que possivelmente vai se definir. 'Força' no sentido aristotélico, produtora do ato. (...) Atividade inconsciente da parede interna do continente que preexiste e que transforma o objeto que ela suscita como objeto fálico ou elemento do pensamento. O ser aparece no momento em que o aparelho psíquico entra em funcionamento, no momento em que começa a circular a energia contida na parede matricial, na função materna. O ser se exprime na transformação do feminino em materno, pela circulação de uma energia contida na parede matricial, no envelope psíquico que contém pensamento*”. (p. 84) (...) “*O feminino seria então a fonte não diferenciada em fálico-masculino e materno-produtivo. (...) A partir do momento em que o objeto existe, pela sua emergência do ser, ele é portador de elementos fálcos. Mas sua existência repousa na feminilidade, elemento feminino da pulsão de vida, anterior a esta e característica da interioridade feminina*”. (p. 85) (...) Ela salienta a feminilidade essencial presente no trabalho do analista construindo uma linda metáfora: “*O interior de um vaso não se mostra. (...) Visitado por seu paciente, o analista (...) é para a angústia a parede externa do vaso. É ao interior que o paciente se dirige, àquela parte em que o eco ressoa, àquele dentro onde depositar as partes de si que sofrem a fim de amadurecê-las, e até mesmo de curá-las. Gestação complementar, à qual um e outro participam com seu pensamento e com sua sensibilidade. Tornar possível a*

evolução da pessoa pela função placentária do analista. O analista é, portanto, um objeto compósito, cuja polissemia se funda no materno, no espaço interno receptivo, aspiração ao suporte, marcha rumo a um dentro da outra pessoa na procura de si (...) Imaginado vazio, o espaço psíquico que o analista põe à disposição do seu paciente vai logo se revelar ocupado por estranhos, à mercê de transformações, bissexual e polimorfo. Mas fundamentalmente, paciência gestadora. Mãe transformada, distendida pela evolução interna daquilo que ela carrega em si, recipiente limitativo que será necessário evacuar. Ter de deixar o analista 'com o passar do tempo'. Abandonar a placenta analítica, o laço umbilical-fálico nesse interior produtor de prazer, com exigência de liberdade recíproca, transformador de angústia.” (p. 119)

Nesta metáfora, parede interna do útero e parede interna do aparelho psíquico não mais se diferenciam. As paredes internas do útero delimitam uma cavidade, *“equivalente simbólico do falo. Uma cavidade não é falta nem vazio. Um orifício tampouco é um buraco, um abismo sem fim. É uma abertura para uma profundidade delimitada por um envelope. Um lugar em si, susceptível de uma atividade própria e autônoma. Receptáculo, habitáculo, produtivo ou destruidor, tanto quanto um pênis ereto, com suas formas diferentes.* (p. 39-40) Nesta representação, a cavidade uterina não está preenchida pela ausência, mas sim pela positividade onipresente da *“essencialidade feminina”*, potencialidade geradora do ser.

Para finalizar, se pode dizer que o legado do teorizar freudiano é a inscrição do feminino nos campos da falta, da irrepresentabilidade, da castração, do masoquismo, da passividade ou das dores da maternidade. O presente trabalho procura evidenciar que não faltam, dentro da teoria psicanalítica, outras representações do feminino que afastam-se claramente das suas tradicionais assemelhações às idéias pejorativas de ausência, passividade, humilhação e submissão masoquista.

Também é inegável o poder que as teorias psicanalíticas demonstraram, ao longo do seu primeiro século de existência, de marcar irreversivelmente o universo das representações sociais. As representações contemporâneas do humano trazem a marca do percurso freudiano. Penso que isto deve nos levar a uma expectativa otimista quanto a uma futura contribuição da psicanálise na construção de uma convivência mais desejável entre masculino e feminino. Em livro publicado, este ano, em Paris, Françoise Duroux (2005:113-43) pergunta para que pode servir a referência à psicanálise para a reflexão feminista e para a lutas feministas. Indaga se a *“revolução simbólica”* é possível. Penso que sim. Mas não fecho a questão. E assim o faço em nome do feminino, pelo menos como Kristeva o entende nesta passagem de uma entrevista dada em 1989: *“Estou muito apegada à idéia da mulher como irrecuperável estrangeira. Mas eu sei que certas feministas americanas não pensam bem de tal idéia porque elas querem uma noção positivista da mulher. Mas se pode ser positivo começando com esta permanente marginalidade que é o motor da mudança. Para mim a feminilidade é exatamente esta forma lunar, da mesma maneira em que a lua é o inverso do sol da nossa identidade. (...) ...tentar preservar esta parte como irreconciliável talvez nos permita (...) um tipo de vigilância separada que impeça os grupos de fechamento, de se tornarem homogêneos e tão opressivos. Ou seja, vejo o papel da mulher como um tipo de vigilância, uma “estrangeiridade” (strangeness) sempre em guarda e contestatória”.* (McAfee, 2004: 98)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anzieu A. (1989) A mulher sem qualidade: estudo psicanalítico da feminilidade. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1992.

Bion, WR. (1970) Atenção e interpretação. Rio de Janeiro: Imago; 1973. p. 77.

Conte, B. Feminilidade: destino da sexualidade frente ao masoquismo. In: Kunzler, F. & Conte, B. Cruzamentos 2. Pensando a violência. São Paulo: Escuta; 2005.

Correio do Povo. Porto Alegre. 13 de agosto de 2005. p.18.

Duroux, F. Prolégomènes à toute utopie future. La “Révolution symbolique” est-elle possible? In Mercader, P. Le sexe, le genre et la psychologie. Paris: L’Harmattan; 2005.

Freud S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol VII. Rio de Janeiro: Imago; 1972. pp. 121-50.

_____. (1919) ‘Uma criança é espancada’ - uma contribuição ao estudo das perversões sexuais. In:____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XVII. Rio de Janeiro: Imago; 1976. pp. 221-53.

_____. (1923) A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In:____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago; 1976. pp. 175-84.

_____. (1924) O problema econômico do masoquismo. In:____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago; 1976. pp. 195-212.

_____. (1931) Feminilidade. In:____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XXII. Rio de Janeiro: Imago; 1976. pp. 139-65.

_____. (1940 [1938]) Esboço de psicanálise. In:____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XXIII. Rio de Janeiro: Imago; 1975. pp. 163-237.

Gamble, S. (ed.) *The Routledge critical dictionary of feminism and postfeminism* New York: Routledge; 2000.

Haddad de Andrade, S. Geração e gênero na situação analítica. Revista brasileira de psicoterapia. 2004; 6(2): 213-9.

Hirata, H. *et al. Dictionnaire critique du féminisme*. 2ª ed. Paris: Presses Universitaires de France; 2004. 320 p.

Le Guen, C. O engodo feminino do masoquismo ordinário. Percurso - Revista de Psicanálise. 1997; 18: 5-16.

McAfee, N. Julia Kristeva. (Routledge critical thinkers) New York and London: Routledge; 2004.

Phoca, S & Wright, W *Introducing postfeminism* Cambridge: Icon Books; 1999.

Rowe-Finkbeiner, K. The f-word - feminism in jeopardy: women, politics and the future. Emeryville, CA: Avalon; 2004.

Symington, J & N. The clinical thinking of Wilfred Bion. London & New York: Routledge; 1996. p. 169.

Winnicott DW. (1966) Sobre os elementos masculinos e femininos ex-cindidos. [Split Off] In: Winnicott C, Shepherd R, Davis M. Explorações psicanalíticas: D W Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; 1994.

Zimerman, DE. Bion: da teoria à prática – uma leitura didática. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995. p. 273.

Contato com o autor:

Almerindo A. Boff
R. Casemiro de Abreu, 787
Bairro Rio Branco
Porto Alegre - RS
Brasil - CEP 90420-001

abcdboff@terra.com.br

55-51-3228-4536